

# O comportamento do /l/ pós-vocálico no sul do país

*Diane Dal Mago*

## 1. INTRODUÇÃO

Em quase todo o território brasileiro a lateral /l/ se apresenta como uma variável que depende, para sua realização, do ambiente fonético em que se encontra, isto na posição de coda silábica. Nesta posição, há uma elevação do dorso da língua até o véu palatino, que acaba por resultar em uma articulação velarizada, pelo suprimimento do movimento da ponta da língua, e a partir do conseqüente arredondamento dos lábios ocorre a vocalização.

Este trabalho, que se insere na linha da Sociolingüística Variacionista de Labov, visa fazer uma análise da variável /l/ em posição de coda (meio e fim de palavra) e verificar o predomínio de suas variantes, isto é, a vocalização ([w]) ou a velarização ([ɫ]) na fala da região sul. Nesta pesquisa levar-se-á em questão o contexto em que o /l/ pós-vocálico estará inserido. Desta forma, far-se-á uma análise também dos fatores lingüísticos e extralingüísticos que favorecem, ou não, a escolha de uma das variantes.

Com relação às variantes, será dada especial atenção à vocalização, haja vista que a tendência, no Brasil, segundo alguns pesquisadores (Camara Jr.(1988) e Teyssier (1989)), em relação ao /l/ pós-vocálico, é a vocalização.

Os trabalhos de Sociolingüística, em sua essência, enfocam correlações entre variantes lingüísticas e sociais, isto é, concentram-se no estudo dos significados sociais de certas escolhas lingüísticas. Isto significa escolher, socialmente, o uso de cultura [w] (/l/ vocalizado) ao invés de dizer cultura [f] (/l/ velarizado), para exemplificar com os dados deste trabalho.

Parte-se da premissa de que a linguagem reflete a cultura e a sociedade, e que as escolhas que os falantes fazem em diversos momentos de comunicação refletem, além do significado lingüístico, a identidade sócio-cultural, historicamente construída pelo próprio falante e também a sua relação com o interlocutor.

O fenômeno lingüístico que está sendo investigado, o **/l/ pós-vocálico**, levou em consideração algumas pesquisas já efetuadas nesta área. Dentre essas pesquisas pode-se destacar a de Gaspar de Oliveira (1995), *Os processos fonológicos e a variação fonoestilística* e a de Quednau (1993), intitulada *A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear*.

Devido à colonização do sul do país ter acontecido em tempos distintos e com etnias também distintas, o quadro sociolingüístico desta região é bastante diversificado. Em vista disso, esta pesquisa está sendo baseada na fala de informantes de doze cidades dos três estados, que representam os diversos grupos étnicos de formação sócio-cultural e que compõem o Banco de Dados do Projeto VARSUL.

Pelo fato de haver esta diversidade étnica nestes estados, optou-se por desenvolver um trabalho que possibilitasse mostrar como se encontra o quadro sociolingüístico desta região, haja vista que as variações no campo da fonologia, tema em questão, costumam estar associadas, além de outros fatores, à etnia e à localização geográfica.

## 2. METODOLOGIA

Os dados dos 96 informantes utilizados neste projeto fazem parte do *corpus* do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul - Censo). Para cada uma das doze cidades pesquisadas há oito informantes, que foram selecionados levando-se em conta a etnia, a idade, o sexo e a escolaridade. As cidades sulinas que integram essa pesquisa são: Curitiba, Londrina, Irati, Pato Branco (Paraná), Florianópolis, Chapecó, Blumenau, Lages (Santa Catarina), Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja (Rio Grande do Sul).

Foram utilizados em torno de 25 dados de cada informante, num total de 2.341 ocorrências analisadas.

A variável dependente que está sendo investigada, conforme já explicitado, é a lateral /l/ e as variáveis independentes dividem-se em **lingüísticas e extralingüísticas**. As variáveis lingüísticas são: acento, contexto fonológico precedente (todas as vogais) e tamanho do vocábulo. Quanto às extralingüísticas foram trabalhadas o grupo étnico (região), o sexo, a faixa etária (25 a 45 e mais de 50 anos) e a escolaridade (primário e colegial).

Tendo em vista a pesquisa basear-se na Teoria da Variação Lingüística Laboviana e esta trabalhar com dados quantitativos, a frequência da aplicação de uma regra lingüística é sempre posta em relevância.

Para melhor se trabalhar com dados quantitativos foi utilizado o Programa Computacional VARBRUL, desenvolvido, na sua primeira versão, por David Sankoff. A versão utilizada é a de 1988, de Suzan Pintzuk. Este Programa não trabalha apenas com percentagens, mas também com pesos relativos (ou probabilidades) e faz, também, uma seleção estatística dos grupos de fatores que estão sendo analisados e a comparação entre eles, de acordo com cada variável.

Conforme o modelo de funcionamento do VARBRUL, os pesos relativos que ele indica para os grupos de fatores só favorecem à aplicação da regra (no caso desta pesquisa, a vocalização da lateral /l/) quando estiverem mais próximos a 100. Ou seja, se houver, por exemplo, no grupo de fator idade .72 (peso relativo) para os informantes com idade entre 25 a 45 anos e .38 para aqueles que tiverem mais de 50 anos, pode-se dizer que os mais jovens favorecem a aplicação da regra, em contraposição aos mais velhos que estariam sendo menos relevantes à regra aplicada. Caso os pesos relativos fiquem todos próximos a .50 eles terão efeito neutro em relação ao estudo empreendido.

## 2.1. HIPÓTESES

- A localização geográfica e a etnia influenciam na variação lingüística;

- Informantes com mais escolaridade tendem a vocalizar a lateral /l/;

- Informantes mais jovens também tendem à vocalização, pois a idade é um fator importante na variação e mudança lingüística;

- As mulheres devem vocalizar mais, já que a variante vocalizada que caracterizaria a direção de uma eventual mudança não é estigmatizada;

- As vogais (contexto precedente) que antecedem o /l/ devem determinar o seu comportamento;

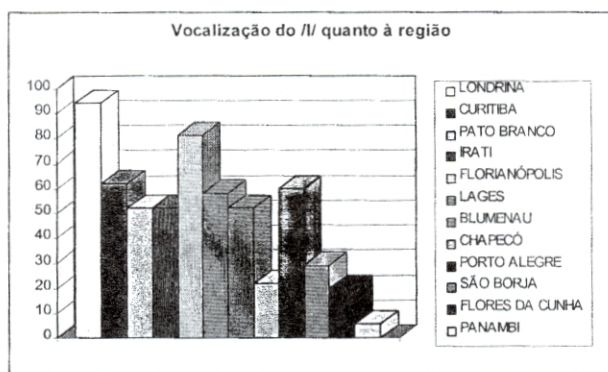
- Em sílabas tônicas a lateral tende a vocalizar mais que nas outras.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES



De acordo com o Programa VARBRUL os sete grupos de fatores tiveram relevância quantitativa em relação à aplicação da regra, ou seja, à vocalização. Entretanto, deve-se dar destaque especial aos fatores sociais: etnia, idade e escolaridade, conforme se verá nos gráficos a seguir, pois estes grupos apresentam pesos relativos mais acentuados em relação à aplicação da regra.

GRÁFICO 1



O gráfico acima releva o que muitos autores, dentre eles Mateus et alli (1989), já tinham comprovado a respeito da variação provocada pela diversidade das etnias e pela localização geográfica. O gráfico mostra que em Florianópolis (.81) e principalmente em Londrina (.94), a aplicação da regra (a vocalização) é quase categórica, ao contrário do que ocorre em Chapecó (.22), Flores da Cunha (.20), São Borja (.29) e Panambi (.06), sendo que nesta última cidade a velarização é praticamente categórica. Em Blumenau (.52), Lages (.58), Pato Branco (.52) e Irati (.52) os informantes encontram-se praticamente divididos entre a vocalização e a velarização do /l/. Sendo assim, estas cidades estariam caracterizando mais a variação.

Em Florianópolis, pelo fato de ter sido colonizada

principalmente por açorianos, deveria prevalecer a velarização da consoante /l/, assim como nos Açores e em Portugal. No entanto, o que se constatou foi a vocalização da variável. De acordo com Silva Neto (1970), com o passar dos anos, de alguma forma, o Português açoriano foi sendo absorvido por uma língua que seria difundida pelas escolas ou pela fala de outros brasileiros.

Em Londrina, a hipótese que se tem é de que a colonização de mineiros e paulistas teria influenciado no comportamento lingüístico da cidade.

Já em Chapecó, assim como em Flores da Cunha, além da presença do italiano que normalmente velariza a lateral, pode se dizer, também, que por ter sido colonizada mais tarde e, portanto, ter menos contato externo, a velarização do /l./ apresenta-se como a variante que predomina na fala dos cidadãos destas cidades. Assim, os informantes das duas cidades mantêm a tradição do italiano, que velariza a lateral /l/.

Na cidade gaúcha de São Borja a velarização também ainda é muito forte, isso se deve, provavelmente, ao contato com o castelhano ou o espanhol, línguas que tendem a preservar esta variante.

É possível verificar também, através deste gráfico, que em Blumenau, Lages, Pato Branco e Irati o quadro difere de Florianópolis, Chapecó e Flores da Cunha, pois os informantes daquelas cidades estão praticamente divididos entre a vocalização e a velarização. Esta situação parece estar evidenciando a passagem de um período para outro, isto é, da velarização para a vocalização, já que primeiramente o /l/ encontra-se velarizado para depois passar a ser vocalizado. Isso viria a confirmar o estudo de Teyssier, quando ele diz que o /l/ pós-vocálico tende a passar da velarização à vocalização. Entretanto, não se pode generalizar esta hipótese, pois a vocalização que está ocorrendo depende das regiões geográficas

onde se encontram os falantes.

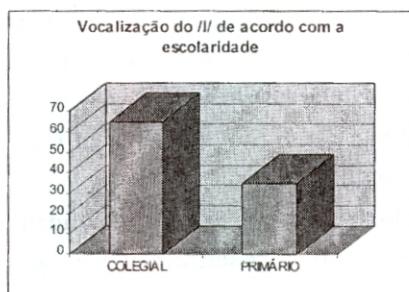
A capital gaúcha, Porto Alegre, e a capital paranaense, Curitiba, têm praticamente o mesmo comportamento lingüístico em relação ao /l/ pós-vocálico, isto é, seus habitantes tendem à vocalização, .60 em Porto Alegre e .62 em Curitiba, favorecendo o uso da variante vocalizada.

Quanto às cidades de Panambi e Londrina, pode se observar que praticamente não apresentam variação, haja vista que na primeira tem-se .94 favorecendo a velarização e na segunda .94 favorecendo a vocalização. Segundo a Teoria Laboviana (1972), a variação só ocorre quando há duas ou mais variantes. Entretanto, nas cidades em questão, vê-se que isso praticamente não acontece, com o emprego quase que categórico de uma das formas.

É interessante ressaltar ainda que as cidades de Panambi e Blumenau têm a mesma etnia, ou seja, seus habitantes são, em grande parte, descendentes de alemães, por isso esperava-se que o comportamento lingüístico fosse semelhante, no entanto, não foi isso que se constatou. Em Panambi a velarização predomina quase que totalmente e em Blumenau há uma distribuição equilibrada das duas variantes. Uma possível explicação para isso seria de que a cidade de Panambi é mais isolada do que Blumenau, ou seja, ela foi menos povoada por habitantes de fora do que esta última, e assim teria sofrido menos influências, preservando o /l/ velarizado que é mais típico da língua alemã.

Observando o gráfico é possível verificar que há uma escala gradativa em relação à vocalização nas regiões, ou seja, o Paraná vocaliza mais que Santa Catarina e esta mais que o Rio Grande do Sul.

GRÁFICO 2



Quer direta ou indiretamente, a escola acaba tendo participação decisiva na modificação do comportamento lingüístico, conforme pode ser constatado no gráfico acima. Informantes com um grau de escolaridade maior vocalizam bem mais que os menos escolarizados. Geralmente, como aponta a literatura lingüística, pessoas com mais escolaridade tendem a inovar ou a manter a forma prestígio (como em Florianópolis), e é isso que parece estar acontecendo com os dados desta pesquisa.

GRÁFICO 3



Segundo Silva e Scherre (1996), o estudo da correlação entre idade e variação lingüística geralmente aponta para duas direções



básicas: a relação de estabilidade entre variantes lingüísticas, um fenômeno varia mas não muda (variação estável) ou a existência de mudanças na língua (mudança em tempo aparente), esta última é o que parece estar acontecendo em relação ao /l/ pós-vocálico na região sul do país. Vários estudos desenvolvidos por Labov, como o de /r/ nova-iorquino (1966), mostraram que as pessoas mais jovens privilegiam a forma inovadora. O mesmo pode ser dito nesta pesquisa em relação à vocalização do /l/, conforme mostra o gráfico acima. As diferenças etárias no uso de variantes lingüísticas permitem suspeitar da existência de mudanças em curso. A comparação da linguagem de pessoas de diferentes faixas etárias pode revelar diferentes estágios de uma língua.

De acordo com Kemp (1981), em seu estudo sobre o francês de Montreal, o fator escolaridade está relacionado ao fator idade (apud Silva e Scherre op cit). Isto pode ser constatado nos dois últimos gráficos em relação à vocalização da lateral /l/. Informantes com menor grau de escolarização e com mais idade inibem a vocalização. Pode se dizer, assim, que essas pessoas tendem a manter a velarização nestas cidades. Por outro lado, os mais jovens e com mais escolaridade parecem estar seguindo outro caminho, isto é, uma provável mudança, a vocalização.

O comportamento representado nos gráficos 2 e 3, em relação à escolaridade e à faixa etária, diz respeito à fala dos 96 informantes trabalhados, ou seja, das doze cidades pesquisadas. No entanto, vale salientar que as probabilidades mostradas nestes gráficos também são válidas para quase todas as cidades (estudando-se separadamente cada uma delas). Ou seja, os mais escolarizados e mais novos vocalizam mais que os menos escolarizados e mais velhos, em cada uma das cidades investigadas.

Além dos três grupos de fatores apresentados nos gráficos acima, os outros quatro (acento tônico, contexto precedente,



tamanho do vocábulo e sexo) também destacam-se, de acordo com o programa estatístico VARBRUL. Nas palavras em que o /l/ pós-vocálico encontra-se na **sílabo tônica** há um maior favorecimento à aplicação da regra, ou seja, à vocalização, o mesmo acontece nas palavras que possuem até **duas sílabas** e em palavras em que o **contexto precedente** do /l/ são as vogais /u/, /E/ e /O/.

Quanto ao fator **sexo**, constatou-se que as mulheres (.56) vocalizam mais que os homens (.44). Grande parte dos estudos de variação que levam em consideração este fator mostram que as mulheres tendem a usar mais a forma de maior prestígio social, inclinando-se a observar mais as normas lingüísticas e a manter a variante padrão, resistindo às inovações. Entretanto, no que se refere à mudança, é interessante mencionar que "... quando se trata de implementar na língua uma forma considerada prestigiada, as mulheres tendem a liderar o processo de mudança". (Paiva, 1992:71)

Levando-se em conta que o fenômeno de vocalização estaria indicando uma mudança lingüística, e que nenhuma das variantes parece carregar estigma social, pode-se dizer, então, que as mulheres estariam se caracterizando como inovadoras neste estudo, pois em várias das cidades trabalhadas, especialmente nas capitais, elas vocalizam mais que os homens.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo constatou-se que o fonema /l/, em posição pós-vocálica, realiza-se por meio da vocalização e da velarização, sendo que a primeira ocorre mais nas capitais, em especial Florianópolis, e é quase categórica em Londrina. As cidades de Blumenau, Lages, Irati e Pato Branco apresentam-se em um estágio intermediário, ou seja, os falantes praticamente dividem-se entre a velarização e a vocalização do /l/ nestes locais. A velarização,

por sua vez, acentua-se mais em Chapecó e Flores da Cunha, sendo quase categórica em Panambi.

Conforme já se previa, os grupos de fatores extralingüísticos (etnia, idade e escolaridade) se mostraram fortemente codicionantes predominantes da aplicação da regra. Desde a primeira etapa da pesquisa, quando se trabalhou apenas com os dados de Santa Catarina, estes fatores sociais foram pertinentes à análise. A etnia e a região geográfica sempre tiveram presença forte neste estudo, destacando-se sempre dentre todos os grupos de fatores, isto é, sempre foram importantes para a escolha das variantes.

Em relação aos fatores lingüísticos, foi possível perceber que eles não foram tão importantes para este trabalho, ou pelo menos não são os que mais influenciam na escolha de uma ou outra variante (vocalização ou velarização), apesar do Programa VARBRUL ter selecionado como relevantes.

Um estudo semelhante desenvolvido por Quednau (1993), em que ela faz uma análise do /l/ pós-vocálico no português gaúcho, mostrou que os fatores lingüísticos foram mais relevantes para a ocorrência da vocalização. Dentre tais fatores, destacam-se o acento, a posição da lateral, contexto precedente e contexto seguinte. Como fator extralingüístico ela destaca a etnia, fator este que se sobressai entre os extralingüísticos e lingüísticos. Os demais fatores sociais, sexo idade e escolaridade, apresentaram-se como estatisticamente irrelevantes para a sua análise.

Já para Dal Mago (1997), em estudo sobre o comportamento da lateral /l/ em Santa Catarina, os fatores sociais (extralingüísticos) foram os mais relevantes para sua pesquisa, com especial destaque à etnia, em contraposição aos lingüísticos que não tiveram tanta importância para a análise empreendida.

Assim sendo, o fator que coincidiu em termos de importância para a análise da lateral /l/ tanto para Quednau, como para Dal

Mago e também para esta pesquisa, foi o grupo étnico. Vale ressaltar que os *corpora* utilizados por Quednau em seu estudo no Rio Grande do Sul não são os mesmos utilizados nesta pesquisa em relação a esse mesmo estado.

Tanto no estudo de Quednau como neste é possível constatar, em relação à fala dos gaúchos e dos catarinenses descendentes de italianos, que eles ainda mantêm a tradição italiana, que é velarizar o /l/. Quanto à etnia alemã, também nos territórios gaúcho e catarinense o quadro difere um pouco. Enquanto em Blumenau há um certo equilíbrio entre as duas variantes, mas ao mesmo tempo uma tendência à vocalização, em Panambi a velarização é praticamente categórica. Pôde-se observar que nas três capitais, Florianópolis, Porto Alegre e Curitiba, ocorre mais a vocalização, sendo mais acentuada na capital catarinense.

Esta relação entre variação lingüística e etnia, que aparece claramente neste trabalho, vem confirmar o que Mateus et alli (1989) já haviam afirmado, isto é, a importância que a localização geográfica e a etnia têm ao se trabalhar com a variação da língua. O importante papel que o grupo étnico e também a idade e a escolaridade desempenham já é suficiente para justificar o tratamento sociolingüístico dado a esta pesquisa.

Assim, no Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, os fatores sociais são os que mais contribuem para a aplicação da regra de vocalização, em contraposição aos fatores lingüísticos que se mostraram menos relevantes.

A partir do que foi exposto e discutido pode-se concluir que, se a tendência no Brasil é, aos poucos, vocalizar o /l/ pós-vocálico, pode-se dizer que no sul do país há uma tendência de ele seguir este caminho, com exceção de Panambi. É evidente que Florianópolis e também as demais capitais (Porto Alegre e Curitiba) estão em um estágio bem mais avançado em relação a Chapecó e Flores da Cunha,

por exemplo. No entanto, isto não significa que estas últimas cidades não possam vir a atingir um patamar próximo às capitais. Conforme já constatado em outras pesquisas, os informantes com faixa etária entre 25 a 45 anos tendem a vocalizar mais o /l/, o que estaria caracterizando uma mudança, haja vista que a idade é um bom indicativo para a ocorrência de mudanças lingüísticas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMARA Jr, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 18ª edição, 1988.
- DAL MAGO, Diane. *Aspectos fonológicos segundo uma perspectiva não-linear: a líquida /l/ em questão*. Trabalho de Iniciação Científica, UFSC, 1997.
- FURLAN, Oswaldo Antônio. *Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 1989.
- GASPAR DE OLIVEIRA, Sidneya. *Os processos fonológicos e a variação fonoestilística*.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- MATEUS, Maria Helena Mira et alli. "Fonologia e Fonética" In: *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1989.
- PAIVA, Maria da Conceição. "Sexo" In: (org.) *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. UFRJ, 1992.
- PINTZUK, Suzan. *VARBRUL Programs*. Mimeo, 1988.
- QUEDNAU, Laura Rosane. *A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear*. Porto Alegre: UFRGS, 1993. Dissertação de mestrado.
- SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.
- SILVA, Giselle M. de Oliveira e & SCHERRE, Maria Marta P. *Padrões*

*sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ, 1996.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1985.

TEYSSIER, Paul. *Manual de língua portuguesa*. Lisboa: Coimbra, tradução: Margarida Chorão de Carvalho, 1989.